

24 SET 1985

Só com empenho o discurso trará efeito

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

De Nova York, ontem à tarde, o presidente José Sarney falou ao repórter. Havia pronunciado, pouco antes, o discurso de inauguração dos trabalhos da Assembléia Geral das Nações Unidas, onde dera ênfase à necessidade do estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional, verberando o tratamento dado aos países do Terceiro Mundo pelas nações industrializadas. Emocionado e sensibilizado pelas repercussões colhidas na hora em que recebeu os cumprimentos das missões estrangeiras, declarou pelo telefone: "O Brasil retoma a dimensão que tinha".

Estava positivamente feliz. Descontraído depois de tantos dias de tensão. Recebeu, do Brasil, inúmeras mensagens de apoio, a começar do presidente em exercício, Ulysses Guimarães, e dos líderes parlamentares que aqui permaneceram. Os que seguiram em sua companhia lhe transmitiram ao vivo o mesmo sentimento.

É unânime reconhecer que, depois de muitos anos, o Brasil se fez ouvir. José Sarney falou pelo País, exprimindo anseios, perplexidades, queixas e esperanças. Outros falaram antes, a começar pelo general João Figueiredo, na mesma situação, em 27 de setembro de 1982. Bem como os ministros de Relações Exteriores, de Vasco Leitão da Cunha a Juracy Magalhães, a Magalhães Pinto, Mário Gibson Barbosa, Azeredo da Silveira e Saraiva Guerreiro, para ficarmos no período revolucionário. Poderão alguns, como o último dos generais-presidentes, ter enfatizado o mesmo tema, ou o mesmo raciocínio, até com felicidade, mas o problema é que a todos, de 1964 para cá, faltou legitimidade. Expressaram apenas o pensamento de seus governos, do sistema que representavam ou do regime ao qual serviam.

Sarney foi à ONU em outras condições. Falou como presidente da República, detentor do respaldo da sociedade quase inteira. Essa a maior das diferenças, responsável pela repercussão avolumada de seu pronunciamento. Aqui e lá fora.

Mil interpretações surgirão a respeito. Um, emocionais, emprestando ao discurso um sentido de universalidade ou de panacéia que não teve nem poderia ter. Outras, no extremo oposto, tirando-lhe os méritos por conta do reconhecimento simples de não poderem os problemas econômicos ser resolvidos pela retórica. Entre essas e aquelas, como denominador comum, está a constatação de que o orador importa tanto quanto a oração. Completam-se, no caso atual, favoravelmente.

Nem por isso o impasse diminuirá. Uma nova ordem econômica não nascerá por força da vontade das múltiplas representações dos diver-

sos países nas Nações Unidas, mesmo que elas quisessem, mas o fato de avolumar-se a reação aos atuais parâmetros impostos pelas nações industrializadas será capaz, com o tempo, de gerar resultados. De despertar e sensibilizar aqueles que efetivamente decidem, caso da parte dos outros, nós inclusive, haja trabalho, esforço e sacrifício.

Para ficarmos na citação poética, tão a gosto do presidente, valeria mencionar Carlos Drummond de Andrade: "E agora, José?"

E agora, o tempo continuará de dificuldades e até de lamentações, precisando ser, mesmo, de empenho. Inexistem fórmulas mágicas e a época dos milagres passou, até para viabilizar o novo humanismo referido como necessidade, centrado na solidariedade e na paz. Foi através de trabalho que pudemos celebrar nosso referido reingresso na comunidade democrática, citado com orgulho no pronunciamento de ontem. Não será por ouvir exortações que os países desenvolvidos alterarão sua postura diante dos países em desenvolvimento.

Era, assim, de satisfação, mas também de cautela, o clima verificado em Brasília, após a intervenção do presidente nas Nações Unidas. O governo não é mágico, como Sarney repetiu diversas vezes. Só os tolos imaginarão dispor o Palácio do Planalto de estratégia mirabolante em condições de transformar cruzeiros em dólares. Ou de conseguir que nossa dívida externa desapareça. Oportuno será, quando retornar ao País, quinta-feira, que o presidente contenha arroubos, não dele, mas de sua entourage ou de certos grupos postados à sombra da Nova República. A ela faltava mostrar-se externamente, e isso aconteceu, ainda que, ironicamente, se observe ter sido o discurso de ontem peça destinada a repercutir bem mais aqui dentro.

Em suma, o problema permanece. Um dia de festa não substitui um ano de dificuldades, quanto mais duas décadas. As palavras devem seguir-se os atos, mas nenhum de prestidigitador, coisa que, vale repetir, o presidente é o primeiro a reconhecer. Uma previsão surge otimista, na comparação entre o presente e o passado. Os ministros de Relações Exteriores desincumbiam-se de suas missões discursando. O resto não era com eles. O general João Figueiredo, dentro de suas peculiaridades, também achava coisa igual, mesmo sendo presidente. Voltou das Nações Unidas para os seus cavalos, para o seu isolamento e para o seu marasmo. Pretendendo ser esquecido, esqueceu logo o que falou em Nova York. Com o presidente José Sarney não poderá ser dessa forma, fechando-se o círculo: só com trabalho, esforço e sacrifícios o pronunciamento de ontem produzirá frutos.

C.C.